

À Biblioteca Pública de Braga

Tribuna Livre

19
JANEIRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A civilização dos Abutres

O que está a passar-se na Catanga é simplesmente horrível. Horrível no sentido geral dos acontecimentos, com um povo pacífico, progressivo, e em condições de independência, a ser esmagado brutalmente, para o amarrarem a ligações que não queria. Horrível, porque essa injustiça é cometida com as maiores selvagerias por uma organização internacional criada para manter a paz e procurar resolver sem violências as questões entre os povos. Horrível, também, pelas condições em que o esmagamento tem estado a decorrer. Em programa de televisão a BBC apresentou já o primei-

ro filme dos acontecimentos de Jadotville, com cenas arrepiantes, de que têm sido autores os soldados indianos ao serviço da ONU: assassinios de mulheres, espancamentos de civis indefesos, disparos de metralhadora sobre os carros em que deslocam as famílias fugitivas. Um comerciante belga de Elisabethville, segundo os jornais, declarou em Salisburia: «Os soldados da ONU não são seres humanas. Não há possibilidade de os fazer comportar-se como seres humanos. Os próprios médicos já desistiram de o conseguir.» Contou esse comerciante como soldados da ONU, durante

as operações para a ocupação de Elisabethville, assassinaram uma criança europeia: utilizando-a como bola de futebol e atirando-a a pontapés de um para outro, até que a criança morreu. São estes os soldados da paz. São estes os soldados que as grandes e progressivas democracias chamaram e empregam para defender os fracos. O mesmo comerciante, ainda, era portador de uma mensagem dos médicos de Elisabethville para o Rei Balduino da Bélgica, a contar as atrocidades cometidas, na capital do Congo, pelos soldados etíopes ao serviço da ONU. No «Diário do Minho», onde escrevem diariamente, ou quase, dois dos maiores jornalistas portugueses — os irmãos Júlio Vaz e António Luís Vaz — este último definiu a situação:

«Como a Bélgica está vingada! Foi-se dali lavando as mãos como Pilatos e, entretanto, chegaram os abutres!»

Os abutres. A palavra é exacta: os abutres que vão, no regalo sádico das crueldades, entre os cadáveres em decomposição, ao cheiro das riquezas espantosas do País. E o articulista aponta: a terça parte da produção de óleo de palma do mundo; a maior produção mundial de cobalto, de urânio e de diamantes industriais; o quarto lugar no mundo em produção de cobre e de esta-

(Continua na 5.ª página)

Senhor Urbino de Figueiredo.

Aos muitos parentes e convidados foi servido um abundante copo de água pelo Hotel Abídis na cidade de Santarém, findo o qual os noivos seguiram para sua casa em Benfica, onde ficaram a residir.

Tribuna Livre, associa-se à alegria dos noivos, e família, nem podia deixar de ser em virtude de se tratar do dia maior dum presado amigo, e escultor do busto de Sá de Miranda e filho do nosso presado amigo senhor Domingos Maria da Silva, autor da Monografia do Concelho e nosso dedicado colaborador, a quem o Concelho já muito deve pela sua obra de investigação histórica.

Aos noivos os nossos votos de perene felicidade.

A cegueira dos rios tropicais

(IV)

A oncocercose é uma das filarioses que afecta vários milhões de pessoas no mundo. Um inquérito de quatro anos sobre a cegueira, efectuado na África ocidental sob os auspícios da «Royal Commonwealth Society for the Blind», revelou que, enquanto a frequência dos casos de cegueira nas zonas invadidas pelo tracoma era de 500 por 100.000 habitantes onde a oncocercose era forte-

mente endémica a proporção subia verticalmente e atingia 1.500 por 100.000 habitantes. No Gana setentrional, a cifra encontrada foi de 3.000 por 100.000 habitantes. Uma Comissão de peritos de oncocercose da O.M.S., que tinha estudado a doença em 1953 e os meios de evitá-la, assinalava taxas de infecção de 80 a

(Continua na 5.ª página)

CASAMENTO ELEGANTE

No dia 17 de Novembro último celebrou-se na igreja de Marvila, em Santarém, o casamento do nosso prezado amigo, o escultor António de Oliveira e Silva, filho da Ex.^{ma}

lha da Ex.^{ma} Senhora D. Alda Salgado Antolin y Moura e do Senhor Dr. Felisberto Pratas de Moura, médico proprietário e residentes em Constância.



Senhora D. Júlia de Oliveira e Silva e Domingos Maria da Silva, natural desta terra, proprietários e residentes na Amadora, com a Senhora Dr.^a Maryse Antolin y Moura, fi-

Foram padrinhos da noiva os Senhores Felismino da Veiga Moura e D. Felismina da Veiga Moura, seus tios. Do noivo sua mãe D. Júlia de Oliveira e Silva e o tio

MONUMENTO a Sá de Miranda

Vai finalmente erguer-se o Monumento a Sá de Miranda, cujas pedras há tantos meses, aguardavam já denegridas, assim como outras obras camarárias, que os que teimam em estorvar tudo num concelho que tanto precisava do

Monumento como também alterou o plano de Urbanização de acordo com o desejo da Câmara, o que vai dar a esta parte da Vila, um traçado de autêntica cidade. Foi bom esperar, porque assim se preservou de ser



auxílio de todos, fossem vencidos pelas realidades duma política de realizações sérias. Mais uma vez temos de estar imensamente gratos a Sua Ex.^{cia} o Senhor Ministro das Obras Públicas, pelo despacho que não só localizou o

inutilizada uma avenida e um arranjo dignos dos mais rasgados aplausos. Agora que a Câmara pensa no Plano de Urbanização definitivo, esta antecipação e aprovação muito virão auxiliar o Urbanista.

TRIBUNA FEMININA

Inconfidências sobre a moda que aí vem

A moda que está na rua já não interessa. Todo o mundo que se dedica a criar a futura moda trabalha afanosamente, e no maior mistério, para apresentar algo de novo, algo de sensacional, que faça os jornais de todo o mundo publicarem grandes títulos, a muitas colunas, a chamar a atenção das multidões. O mistério é grande, mas, é claro, há sempre inconfidências.

Parece que a moda se vai inclinar para os tons pastel, para o azul escuro ou para o preto, sempre distintos nas reuniões elegantes, para os «príncipe de Gales» e para o cinzento-cinza em tecidos leves, especialmente um novo e lindo tipo de «gabardina» de lã com mistura de fibras sintéticas, o que a torna facilmente lavável.

O ano de 1961 seguiu bastante o estilo italiano; o de 1962 inclinou-se mais para o estilo britânico; o de 1963 — e isto parece quase certo — inclinar-se-á para o americano, com regresso aos ombros largos e, como é lógico, aos enxumaços. Os casacos serão cada vez mais compridos e as bandas continuarão bastante estreitas. Quanto às calças, de tão justas quase que são indiscretas, no que respeita à anatomia das pernas.

O chapéu — não se verá praticamente uma cabeça descoberta — terá grandes abas bem levantadas, por vezes mesmo enroladas e com inclinação para a frente. Uma fita larga rematará a copa. Para os dias quentes de verão criou-se um chapéu pequeno — do género dos tirolezes — em linho ou em «dralon» imitando a palha.

O calçado permanecerá fiel ao estilo inglês e segue a gama dos acastanhados, desde o Havana-escuro ao castanho-«beige».

Os cabelos vão usar-se mais soltos, mais fartos, numa ondulação muito leve. Quanto às patilhas, ver-se-ão muito mais fartas e descendo bastante abaixo do seu limite habitual.

Não, minha Senhora, não leu mal. As patilhas usam-se mais compridas, mas não as nossas, sim as delas, pois tudo quanto acima lhe digo — os tons pastel, as calças justas, as ondulações leves, os chapéus de grandes abas enroladas — são boatos, assim, da moda para 1963, mas da moda masculina, que varia agora todos os anos. Longe vão os tempos em que os maridos troçavam das esposas pela inconstância da moda feminina. Longe vão os dias em que apenas de dez em dez anos os alfaiates, muito timidamente, faziam alguma modificação que fosse além do

tira dois botões e põe três ou põe dois onde havia três. Isso foram tempos. Hoje, e segundo estatísticas recentes, o homem preocupa-se muito mais consigo do que o seu pai ou do que o seu avô. O elegante de hoje tem, regra geral, mais dois fatos do que teria o seu pai com igual nível de vida; usa três pares de sapatos onde havia apenas dois e tem o dobro de camisas, gravatas e coletes. Além disso, muda de camisa todos os dias — e às vezes mais do que uma vez ao dia — contra uma ou duas camisas por semana das gerações de há trinta ou quarenta anos.

Não fica por aqui o fenómeno da vaidade masculina, pois uma grande parte dos homens gasta actualmente, com a indumentária, o que nunca se pensou em outras épocas.

Na Inglaterra, por exemplo, o total das vendas de artigos de indumentária masculina tem vindo a subir desde 1957 e de tal modo que em 1961 — ainda não se sabe o que «ele» gastou em 62 — o total das vendas de vestuário para homem ultrapassou o total das vendas das indumentárias feminina e infantil reunidas. E nesse balanço «assustador» não estão incluídos os artigos de beleza — cremes de barbear, águas para tonificar a

pele, lâminas de barba, perfumes, sabonetes, etc. — nem as volumosas despesas feitas no barbeiro. O homem actual não se limita a ir cortar o cabelo e arranjar as unhas. Manda fazer permanentes (lá estão as estatísticas, essas palradoras, a afirmá-lo) ou «mise-en-plis» de ondas largas. E há depois, é claro, as tintas, quanto «ele» está já grisalho ou a cor do seu cabelo não é a da última moda. Diz-se mesmo que um sizado jornal financeiro da City chegou até o ponto de aconselhar os seus leitores a não usarem o sobretudo mais comprido do que a altura do Joelho.

E aqui tem, minha Senhora e Amigo, mãe de filhos, o que a espera: depois dos sujeitos, hirsutos e desagradáveis moços que ainda por enquanto «se usam», terá meninos de permanente, com fatos em «bois-de-rose», e encimados pelos «encantadores tirolezes» em «dralon» imitando palha. Quanto a nós, nada diremos. Pois não sabemos ainda de que ridículos se revestirá, nos cortes, nos tecidos, nos cabelos, nos sapatos e nos chapéus, a «nossa» moda, que a Itália se apressa a mostrar e que os franceses apresentarão para os fins de Fevereiro próximo. Até lá... não façamos comentários imprudentes.

A importância dos tecidos

na investigação do passado

Os dedos que seguram a pinça já tremem levemente e a cabeça que se curva sobre o microscópio é branca como a neve. Apesar dos seus 71 anos o Dr. h.c. Karl Schlabow continua a pôr os seus conhecimentos ao serviço da investigação científica num domínio no qual é o maior e provavelmente o último especialista. Dr. Schlabow dedica-se desde 1926 à investigação de tecidos de toda a espécie. Exerce as suas actividades em Neumunster, no norte da Alemanha, numa cidade com velha tradição na indústria têxtil. O Dr. Schlabow recebe todos os dias cartas de todas as partes do mundo, provas evidentes da sua projecção internacional. No entanto este investigador humilde começou como «outsider», era pintor de profissão, dedicando-se também a trabalhos artísticos até que um dia atraiu a atenção dos arqueólogos discutiam os métodos de confecção de um antiquíssimo traje nupcial. Uns afirmavam que era bordado, enquanto outros diziam

ser tecido. Karl Schlabow reconstruiu um tear e apresentou um tecido muito semelhante, dando assim a vitória àqueles que optaram pelo processo têxtil.

Desde então recorreu-se ao Dr. Schlabow assim que se abria qualquer sepultura pre-histórica ou se descobria algum cadáver num pântano ou se recolhiam restos de tecidos nas escavações. Até aos trabalhos de Dr. Schlabow ninguém se dedicara à análise dos «autênticos sacos pardos» que se traziam à luz quando das escavações. O Dr. Schlabow dedicou-se primeiro ao trabalho de conservar os tecidos, passando em seguida às tentativas de os reconstruir e de investigar exactamente a sua contextura. Schlabow verificou bem depressa ser indispensável reconstruir teares antigos. Por meio destes trabalhos práticos conseguiu provar que os tecidos da era do bronze e da era do ferro foram fabricados com teares verticais. Nos seus trabalhos de investigação Schlabow recorreu a achados de tecidos,

Receitas regionais portuguesas

Nas nossas andanças pelo estrangeiro — sobretudo pelo Brasil e pela América — temos ouvido um sentido queixume das senhoras de origem portuguesa. Dizem-nos sempre que gostariam de experimentar velhos pratos da nossa cozinha tão afamada. E sempre lhes mandamos pelo correio alguma receita mais solicitada. Daí veio a ideia de inserir aqui, sempre que possível, uma sopa ou um prato e um doce tradicionais da terra lusitana.

Todavia, se alguma senhora que nos lê tiver interesses em qualquer receita especial, não terá mais do que escrever, pois será com o maior prazer que aqui a inseriremos. Começamos hoje pelo afamado:

Ensopado de borrego à alentejana

Picam-se duas ou três cebolas, dois ou três dentes de alho e um raminho de salsa, para um tacho de tamanho regular. Juntam-se três colheres de gordura (banha ou margarina) e, cortado em pedaços de bom tamanho, aí um quilo de carne de borrego. Refoga-se tudo, num lume lento, até que o borrego (o filho da ovelha) esteja, ao

mesmo tempo, cozido e loirinho, altura em que se tiram os pedaços para fora do tacho.

À gordura que lá ficou juntam-se uma boa porção de água (uns três litros) e um pouco de colorau doce, outro tanto de pimenta, sal e uma folha de loiro. Ferve durante pelo menos um quarto de hora. Depois disso, corta-se meio quilo de batatas aos quadrinhos, que se deitam para o tacho, acompanhados de uma boa colher de sopa de vinagre. Logo que as batatas estejam cozidas, e só então, deita-se o borrego para o tacho, onde ferve dois três minutos.

Numa terrina põem-se fatias de pão muito finas e, à hora de ir para a mesa, deita-se sobre elas, e a ferver, o nosso petisquinho. Está pronto o ensopado. E, para desenojar, um dos mais afamados doces de Portugal:

Pão de ló de alfeizeirão

8 ovos inteiros, 36 gemas, meio quilo de açúcar e 250 gramas de farinha. Misturam-se os ovos com o açúcar e batem-se até formarem uma massa forte e esbranquiçada. Junta-se, a seguir, a farinha (peneirada) misturando — sempre de baixo para cima — com uma colher de pau. Forram-se, com papel, duas fôrmas (ou dois tachos) e deita-se o preparado dentro, mas a mistura não deve ultrapassar metade da fôrma, pois cresce muito. Cobre-se com papel branco forte e vai a cozer em forno regular. É simplesmente delicioso. Acreditem.

Mambu — macarronete com coelho

Depois de bem esfolado e limpo, corta-se um coelho em bocados e deixa-se para o dia seguinte numa marinada, com vinho maduro tinto. Deita-se uma porção de azeite e manteiga numa caçarola, meia folha de louro, e os bocados do coelho, escorridos da marinada, temperados com sal e pimenta. Deixa-se fritar e, quando a carne estiver alourada, junta-se um pouco de marinada e de caldo de carne, ou água. Rectificam-se os temperos.

Coze-se à parte o bambu-macarronete, escorre-se muito bem e despeja-se, bem quente, numa travessa, colocando por cima os bocados de coelho depois de bem estufados e rega-se tudo com o seu molho. É um petisco de regalar!

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

O bem comum da humanidade é a coisa para que todos nós devemos trabalhar. O bem particular de cada um coincide às vezes com o bem comum de todos, ou da maioria. Porém na maior parte das vezes, o bem particular torna-se o mal comum. Esta desordem não existiria se todos os homens soubessem e quisessem dominar as paixões e fazê-las colaborar no bem de todos. Embora seja um disparate paradoxal a verdade é que os homens lutam muitas vezes por uma coisa, desesperadamente, sem que essa coisa seja para eles um bem palpável. Lutam sem tirarem qualquer lucro moral ou material. Às vezes lutam só para sofrerem grandes trabalhos e desilusões. Prejudicam fortemente o bem comum e nada lucram para a alma ou para o corpo. Lutam sim, mas obcecados com a ideia de mandar e só para terem a glória de suplantarem os outros. Triste sina é!... Mas... O bem comum só pode conseguir-se com a unidade, a recta intenção, o despreendimento e a colaboração de todos.

E o bem comum será tanto mais perfeito quanto maior for a unidade. Esta só pode conseguir-se pelo despreendimento de nós mesmos, o qual nos levará a ouvir, de boa vontade, as opiniões alheias, procurar até que sejam expostas, analisá-las cuidadosamente e aproveitá-las na medida do possível no que tiverem de construtivo. Como vedes, caros amigos de perto e de longe a colaboração sincera de todos para o bem comum, que pode chamar-se também unidade, exige de nós uma certa dose de conhecimento próprio e de autodomínio ou virtude. Os imperialistas do mando só admitem uma opinião, a sua opinião e não olham meios para reduzirem ao silêncio qualquer mortal que julgue ter direito de falar. Pois é tempo de nos convencermos de que a união faz a força e a desunião tudo destrói.

A união colaborante deve existir nas famílias, nas freguesias, no concelho, no distrito e na Nação. Esta união colaborante deve existir também nas organizações civis ou religiosas, como Juntas de Freguesia, Misericórdias, etc. Se ela faltar, adeus bem comum!...

Não é minha intenção ferir ninguém, escrevendo vos estas coisas. Só pretendo acordar os que parecem dormir, dizer-lhes que já é tempo de nos levantarmos do sono dos caprichos, dos partidarismos

inúteis, quando não são prejudiciais, e todos unidos, como um só homem, trabalharmos com lealdade e energia pelo bem comum. O lema «dividir para reinar» não tem direito de existir, porque é a melhor arma dos desordeiros.

Às vezes aparecem indivíduos muito «sui generis» que só colaboram em qualquer empresa quando os que estão no comando são da mesma cor. Também os há, tão engraçados, que, se alguém mostra opinião diversa ou contrária à sua, logo deixam de o cumprimentar ou saudar. Na minha opinião estes tais parecem não ser bem acabados, mentalmente, porque, se fôssemos a cortar relações com todos os que não alinham pelas nossas ideias, a maioria das pessoas andaria habitualmente a jogar o sério, a fazer caretas, se não andassem às turras!...

Sejam quais forem as opiniões, quando os dirigentes trabalham pelo bem comum, devem ser ajudados lealmente por todos.

Vosso: J. Moreira

Novos funcionários

JUDICIAIS

Na passada quarta-feira, teve lugar no Tribunal Judicial desta comarca, o acto de posse nos novos chefes de secretaria e escrivão de direito, respectivamente os senhores António da Conceição Rodrigues Mendes e Vítor Manuel Lopes Afonso.

Aqueles funcionários exerciam os cargos de escrivãos de 1.ª classe dos Tribunais de Polícia do Porto e Tribunal Judicial de Viana do Castelo.

Ao acto, assistiram vários advogados inúmeras pessoas muitos funcionários públicos.

A posse foi-lhes conferida pelo conservador do registo Civil, tendo usado da palavra inalterando as qualidades dos empossados. Seguiu-se o advogado senhor Doutor António José da Costa, o qual disse das dificuldades que iriam encontrar, dado a ser uma comarca recentemente criada, mas estava convicto que às qualidades de trabalho de que eram dotadas lhes facilitariam aquelas funções, levando a bom termo a missão a cumprir.

Referiu-se ainda ser de grande conveniência a colaboração entre advogados e funcionários.

No final, os empossados foram muito felicitados por todos os presentes.

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—O Snr. António Joaquim Araújo.

Amanhã—O Snr. José Aureliano da Silva Pereira.

Dia 21—O Snr. Agostinho dos Santos Maia.

Dia 22—O Snr. Virginio António Moreirá da Silva Briote, Aluno da Academia Militar.

Domingos Maria da Silva

Passa na próxima segunda-feira, mais um aniversário natalício, o Snr. Domingos Maria da Silva, nosso colaborador e ilustre autor da Monografia do concelho.

Tribuna Livre que não podia deixar de assinalar esta data, formulando os seus sinceros votos porque esta data se repita por longos anos, na companhia de todos quantos lhe são queridos.

ANIVERSÁRIO

Festeja o seu aniversário natalício na próxima Terça-feira dia 22 a Snr.ª D. Júlia Fernanda de Oliveira e Silva, dedicada esposa do nosso particular amigo Snr. Domingos Maria da Silva, proprietários na Amadora.

Por tão faustosa data Tribuna Livre felicita a ilustre aniversariante e faz votos que esta se repita por longos anos na companhia de toda a família.

Farmácia

Compra-se no concelhos de Amares ou Vila Verde. Para falar com José A. Lopes, Rua do Raio n.º 315 ou pelo telefone 23745 de Braga das 10 às 12.

SAUDADES

Ó meus virgíneos sonhos de menino
Que ao pé de minha mãe ia afagando,
Azuis e brancos, lédos como um sino
Em dias de baptismo repicando!...

E tu meu pensamento peregrino
Que da terra as misérias desprezando,
Te alcandoravas do ideal ao pino
Outros ignotos astros devassando!...

Ó visões irreais!... Pelos caminhos
Que percorri depois por entre espinhos
E por noites sombrias sem estrelas,

Fui-vos perdendo todas, uma a uma,
Até ficar como hoje estou, em suma,
Sem ilusões e com saudades delas!...

UERBA

Terceira Divisão

Como o Futebol, o jornalismo também se compõe de três divisões. Pertencço há terceira no jornalismo e pela idade e talento, por aqui tenho de ficar. Nesta modesta posição jogo com sinceridade e faço o melhor que posso para que o «Club» a que pertencço saia sempre vitorioso. É Portugal.

Para mim o único clube que defendo mas sempre com a alma e o sangue Lusíada a pulsar inquieto para que todas as diviões unidas consigam fazer o prol desejado: A vitória de Portugal na luta que nos travam os internacionais que visam somente boas propostas para mudar de posição.

Nesta ordem vivo convencido que a política como as modas tem variações e gostos mas voltam todos à primeira forma.

Honestidade, política, igual à pessoal.

Para tanto nem todos servem. Respeito pelas tradições e pela qualidade das pessoas que nos servem o melhor que podem pondo de parte interesses pessoais sacrificando-se em benefício do maior número na linha recta da categoria. Ora se chegarmos todos a esta compreensão, se chegarmos todos a poder mandar teríamos a sorte de ninguém desobedecer. Continuem todos a fazer o sacrifício da obediência e estará garantida a vitória desejada por todos os portugueses de boa vontade.

É a resposta que dou aos amigos que me felicitam pelo que tenho escrito e a quem agradeço, lembrando-lhes que já decorrem quarenta anos que jogo na mesma posição e ainda não foi aposentado por não haver limite de idade para se ser bom amigo da Pátria.

Elísio Gonçalves

Vai ser prestada homenagem ao falecido

Deputado Dr. Alberto Cruz

Todo o distrito de Braga irá brevemente prestar homenagem ao falecido Dr. Alberto Cruz. O bairrismo, o nacionalismo e o amor, muitas vezes demonstrado, pelas coisas justas e até pelos deserdados eram a ocupação constante dessa alma boa.

Na Assembleia Nacional onde muitas vezes fez ouvir a sua voz, sempre que era necessário, permaneceu desde a primeira legislatura e sempre fiel aos princípios da Revolução Nacional.

Está formada já a Comissão de Honra e a Comissão Promotora.

Comissão de Honra

Arcebispo Primaz—Governador Civil do Distrito—Bis-

Continua na 4.ª página

Elísio António Gonçalves

Passa hoje mais um aniversário natalício, o nosso colaborador e ilustre camarada, senhor Elísio António Gonçalves.

Pessoa muito estimada no nosso meio, não só pela gentileza do seu trato, como pelos dotes de generosidade para com os menos protegidos da sorte.

Proprietário abastado, o senhor Elísio Gonçalves, desempenha com muita competência os cargos de presidente da junta de Carrzedo, bem como de perito oficial da Direcção Geral das Contribuições e Impostos.

Tribuna Livre não podia deixar de assinalar esta data, não só porque considera o senhor Elísio um dedicado amigo, como também um dos mais esforçados colaboradores, formulando os seus sinceros votos porque esta data se repita por inúmeros anos, repletos das maiores prosperidades, na companhia de todos quantos lhe são queridos.—A. F.

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

Esta decisão agradava inteiramente a Jorge, que ia pedindo a Deus a conservasse pura como puro é o lírio, como pura a alva camélia do jardim!

A inocente Luciazinha, mal imaginava ainda o sonho de Jorge quando o recenseamento militar o chama ao cumprimento do Sagrada Dever. Parte Jorge para Lisboa despedindo-se dos seus e daqueles cujos laços de amizade faziam seus também.

D. Clementina recomenda a Jorge que se não esqueça de escrever. Este assim o cumpre, Escreve. Mas... para não suscitar nos donos da herdade pensamentos do interesse deste por suas filhas, o nosso herói escreve para as pequenitas em nome da mais crescidinha, (Lúcia), e caso interessante: os Pais capacitaram-se por aqui, que a amizade de Jorge por suas filhas era pura e desinteressada, pelo que o nosso homem via camuflado o seu sonho, podendo amar à vontade embora sem saber ainda que era amado. Dir-se-ia que Jorge nascera para o amor, que só espinhos lhe trouxera! E quando se ama um Anjo, ó ventura das aventuras!

Jorge é agora militar, militar e patriota a tal ponto, que assim manifesta o seu patriotismo quando os Pais tentam persuadi-lo de que deve consentir que tentem de o livrar na altura das inspecções: A minha maior honra é ser militar, ir prá guerra, e... morrer lá! Mas simultaneamente era dotado de um sentimento completo. O amor aos Pais, irmãos e ao pedacito de solo que o viu nascer... era para si coisa sagrada! E «se é feio um homem chorar», as lágrimas, garantimos que foram muitas vezes as suas companheiras! Iríamos afirmar que, em momentos de saudade — pois era pela primeira vez que se afastava do Berço natalício — chegaram quase a abrir sulcos nas suas faces! Chorar?! E porque não, se as lágrimas são produto da Saudade e esta é companheira inseparável dos jovens poetas dos que sonham com o transcendente, enfim, dos que sentem sêde, verdadeira sêde do Infinito?

Um dia escrevendo a seus Pais dizia: «O mais modesto e estreito carreiro das bouças da minha Terra representa para mim mais que a mais espaçosa Avenida desta Cidade Feiticeira e boligosa!»

Aqui principiam as amarguras do jovem poeta que apenas contemplava de longe o pedacito de céu que cobria o solo abençoado onde desabrochava o botãozinho do seu Sonho, que principiava a imaginar, a musa da sua inspiração poética.

E as cartas de Jorge para Lúcia e de Lúcia para Jorge repetiam-se, e tão simples e gaiatas, como gaiatos e ingénuos os dois irrequietos olhitos da musa do Gigante! Ele, fazia-lhe recordar os tempos em que, a caminho da Missa das dez, aguentava com os pequenos e cândidos fardozitos. Ela falava de quando pelo Natal, ao jogo dos pinhões, o Jorge em jogando consigo e suas irmãs, as burlava metendo um pinhão entre os dedos, com o qual fazia o «par ou pernã», consoante a tirada, acabando por tudo lhes ganhar. (Mas não imaginemos o Jorginho tão malandro assim, pois que uma vez vencedor, conscienciosamente entregava às gentis vencidas o produto do seu frustrado ganho).

Tudo isto era uma grata e infantil recordação que transportava a Jorge e à sua Gentil amiguinha ao sétimo céu!

O nosso herói ia preparando o caminho da sua felicidade e, sempre que com a mesma sofregidão devorava uma carta da sua Amada que ignorava figurar assim no seu coração, pensava: Como interpretará a minha Luciazinha a amizade que lhe voto? Também terei a felicidade de ser amado por Ela? Ela, para Jorge... era sempre um E maiúsculo! Soava-lhe ainda aos ouvidos aquela misteriosa voz que, a quando do corte de uma paixão esquecida que tivera noutros tempos: «Espera! És digno dum outro Anjo que em lugar recôndito te guardo!»

Continua



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

Campeonato Distrital de Futebol da F. N. A. T.

RUIVÃES, 2 — LEÕES DA MODELAR, 2

Ao intervalo 2 - 1

No passado domingo a equipa da Modelar deslocou-se a Ruivães para disputar o desafio correspondente à sétima jornada do campeonato distrital da F.N.A.T:

O resultado, que pode considerar-se bom, não o foi para as cores de Amares, visto que, em tal campo, com tal assistência, com tal arbitragem e com tão pouco policiamento, o que fazia o árbitro senhor... de cada agressão que aos jogadores de Amares era frequentemente imposta pelos jogadores de Ruivães, assinalar o castigo, olhar para o agente mais próximo pois que a assistência, quase dentro do rectângulo de jogo devido às suas exíguas dimensões, frequentemente o ameaçou e dirigiu palavras que faziam tremer os *bichos das paredes*.

Ora, o senhor árbitro, dotado pela natureza de poucos recursos físicos, deixou-se influenciar pela assistência e pelo medo que, tudo o que diziam os jogadores da casa era lei. — E quando o capitão do grupo visitante se dirigiu ao juiz de linha pedindo-lhe para tomar providências, pois que era impossível e que aquilo não dignificava a entidade organizadora do referido campeonato, o juiz de linha respondeu: *Não vá ao homem, evite-o*:

Ora, só quem nunca soube o que é dirigir uma partida de futebol, é que pode dar semelhante resposta, pois como se entende que um defesa esquerdo deixe o extremo do seu lado (adversário) correr, centrar, tudo, sem lhe dar luta? Sinceramente....

Começado o encontro e iam decorridos poucos minutos o Amares alcançou um golo que a assistência quis que fosse inválido alegando fora de jogo e o árbitro prontamente obedeceu invalidando um golo dos chamados limpos.

Logo a seguir novo tento do Amares, mas como a defesa dos visitados estava toda parada junto do guarda não pôde este ser invalidado, mesmo assim houve hesitação (por parte do árbitro).

A ganhar por um golo, o Amares dominava em futebol, e o Ruivães em entradas para inutilizar jogadores conseguindo alienar o onze da Modelar de um dos seus melhores esteios, tudo isto diante da impassibilidade do sr. árbitro.

Depois de certa confusão em que havia jogadores do Ruivães fora de jogo, um remate de longe foi coroado de êxito notando-se alegria na assistência (lógica) e alegria exteriorizada no rosto do árbitro (mêdo).

Foram ainda os visitados que conseguiram marcar o 2.º golo na sequência de um livre em que o jogador que o marcou não deixou que o árbitro mandasse executar, chutando logo no meio da confusão de protestos por parte dos jogadores de Amares, conseguindo assim o tento; com este resultado findou a primeira parte.

No recomeço viu-se o Amares muito mais activo

e prático conseguindo a igualdade iam decorridos 20 minutos.

O prélio terminou e se há queixas a apresentar resumem-se nisto: Os jogadores de Amares contra tudo. O árbitro contra a assistência.

De salientar a actuação do guarda-redes dos Leões que apertado com irregularidades, foras do jogo, portanto remates à queima-roupa, remoques da assistência e tudo o mais, soube impôr-se fazendo defesas que pareciam impossíveis.

Vai a direcção dos Leões, dirigir à F. N. A. T. (Delegação de Braga) uma petição pedindo para que tal árbitro não dirija mais jogos em que intervenham os Leões da Modelar.

Nos outros encontros verificaram-se os seguintes resultados:

Confiança, 0 - Onça, 4
Landim, 2 - Dume, 1
Riopele, 3 - Fafe, 0

Vai ser prestada homenagem ao falecido Deputado Dr. Alberto Cruz

Continuação da 3.ª página

po de Telmissus, — Presidente da Câmara Municipal de Braga — Comandante Militar de Braga — Juiz Corregedor do Circulo Judicial — Presidente da Junta Distrital — Deputados pelo Circulo de Braga — Procuradores à Câmara Corporativa do Distrito, Reitor da Faculdade Pontificia de Filosofia — Presidente do Cabido da Sé Primaz — Ajudante do Procurador da República — Presidentes das Câmaras Municipais do Distrito e Presidentes dos Grémios do Comércio e da Lavoura.

Comissão Promotora

Dr. Francisco Eusébio Fernandes Priêto — Comendador António Augusto Nogueira da Silva — Comendador António Maria Santos da Cunha — Dr. Felicissimo António do Vale Rêgo Campos — Comendador Alberto Pimenta Machado — Dr. Manuel Arantes Rodrigues — Raúl Ferreira

Riba d'Ave — José Peixoto de Almeida — Comendador Manuel Ferreira Barbosa — Comendador António Teixeira de Melo — Dr. Francisco Teixeira Pereira — Comendador Joaquim de Sousa Oliveira — Evaristo Armindo Corais — Joaquim Gonçalves Carneiro e Manuel da Silva Vilaverde

Programa :

Dia 27 do corrente :

12 horas — Bodo a 600 pobres, 15,30 h. — Inauguração do Monumento com a presença de Membros do Governo e individualidades oficiais; 17 horas — Missa de sufrágio na Igreja dos Congregados.

No acto inaugural do Monumento usarão da palavra

— Representantes da Comissão Promotora
— Presidente da Câmara Municipal de Braga
— Representante do Governo
— Representante da família

Telefone dos Bombeiros de Amares 62162

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil A civilização dos Abutres

(CONTINUAÇÃO)

* * *

A paróquia rural, por mais modesta que seja, como esta estendida pelos alcantis da montanha, é uma admirável instituição sobre cuja vigência e estudo se têm debruçado os mais eminentes etnólogos e sábios, sem lhe descortinarem clara e suficientemente os fundamentos.

Nascida e crescida à volta do ermitério longínquo, que se foi transformando pouco a pouco nos templos e igrejas da idade moderna, a paróquia rural, sobretudo do Norte do país, conta muito largos séculos de existência, soberba da sua independência orgânica, afrontando todas as reformas e abalos sociais que têm derrubado nações e impérios e nada se pode antever que lhe modifique os rumos.

Germinada no vigor e perpetuada das pequenas cristandades, a paróquia rural é tão forte como a instituição familiar e a mais fecunda lição de quanta unidade e consistência se obtem, no sentido da verdadeira solidariedade humana e objectividade social, à sombra da mesma crença, da mesma Religião que lhe imprimiu carácter e a definiu para sempre. A mesma fé une indissolúvelmente todos os elementos da família parquial; só a diversidade poderia separá-los, e assim tem infelizmente acontecido nos grandes desvios históricos dos povos afectados pelos cismas, pelas separações.

Instituição enobrecida e fortalecida em torno da igreja que é o principal centro de todas as actividades espirituais e culturais da família rural, aí se polarizaram todos os seus actos mais solenes na continuidade de muitas gerações que acabaram por dobrar o cabo da vida, mais unidas ainda sob o pavimento sagrado ou as lágéas do templo e nos campos santos da morada eterna. É para ali que converge insintivamente nos momentos festivos da vida como nas horas lutosas das despedidas para sempre. A paróquia rural é bem a maravilhosa instituição de mais notáveis e sólidos fundamentos, ela que deu o ser a todas as demais autonomias a que serviu de ponto de partida.

Presidida por uma série interminável de pastores de almas, guias espirituais de cujo zelo e competência depende principalmente a sua elevação social e a evolução que lhe é evidente e constante para o bem, como para o mal, seria interessante que se conhecesse em cada uma das freguesias a relação de quantos se acharam mais ou menos tempo à frente dos seus destinos, e muitos haveria dignos das mais honrosas referências e mensagens de louvor por acções heróicas assinaladas sem alarde nem pretensões de glória terrena, discretamente por entre este povo rude e supersticioso, arrancado à força de doutrina e ensinamento evangélico lá dos fundos remotos da paganidade.

Mas tudo com os olhos postos só no dever imperdoável do munos sacerdotal, único capaz de obrigar a tanta submissão e sacrifício, isso está no livro da Sabedoria e no juízo de Deus de que unicamente se esperou a recompensa. Poucos nomes se alcançam nos registos dos anais de grande parte dos arquivos paroquiais para lá dos últimos dois a três séculos. E, ainda assim, é pelos livros de registo das disposições testamentárias dos bens de alma, onde os há, que melhor pode alinhar-se a sucessão dos párocos.

Em S. Paio de Seramil existe o último destes livros, com assentos feitos pela própria mão de cada pároco, a partir de 1762.

Entretanto sabe-se que em 1533, por ocasião do Tombo que nessa data se organizou, era abade o honrado *Fernando Annes* que também o era ao mesmo tempo de Penascais, do que se depreende ser abade leigo ou comendador, pois tinha descendência.

Em 1711, dando um grande salto e omitindo os nomes de muitos outros abades era *Pedro Vieira da Silva* que requereu então um traslado do mesmo tomo.

Em 1739 assistia na freguesia de S. Paio de Seramil o abade *Miguel Borges Pereira*, o que se sabe por um contrato que assinou com o juiz do Subsino o os *homens das falas*, para a colocação a esse tempo do S.S. Sacramento e fábrica do azeite para a devida alâmpada.

(Continua no próximo número)

(Continuação da 1.ª página)

nho; o sexto na produção de zinco; disponibilidades espantosas de bauxite, o minério da aviação, e do metal atómico 73, utilizado no fabrico de foguetões e mísseis... Isto, sem contar com o ouro. Até aqui os abutres do capitalismo. Mas há os outros. Os abutres de Nova-Delhi escolhem, entretanto, a sua parte na presa. No mesmo artigo ainda, o autor, sempre bem informado, conta que os indianos são já senhores de 200.000 quintas, onde tencionam lixar seis milhões de indianos. Claro que isto não é imperialismo. Isto não é colonialismo. Os soldados e oficiais indianos levam mulheres e filhos e, depois de licenciados, instalam-se nas quintas. Que mais querem os capitalistas ocidentais? Eles inventaram Cuba com Fidel Castro e tudo. Agora inventam o Congo indianizado, com as massas negras, desiludidas do Ocidente, prontas a cair em nas tentações da revolta comunista. E esta — não o entenderam ainda! — esta não se compra com os dólares. É uma obra de Fé. Errada, falsa nas suas premissas, louca nos seus meios e objectivos, diabólica, se quiserem, mas uma obra de Fé. Só outra Fé a pode vencer: a Fé positiva, a Fé que vem de cima, a Fé de Deus. Os homens do dinheiro continuam a não entender isto.

* * *

Passo agora a mostrar-lhes

um texto, que não tem nada a ver com os acontecimentos actuais. É uma representação ao Rei. Tem perto de 150 anos, veio de Moçambique e diz assim:

«Prostrados aos benignos pés de Vossa Magestade, persuadidos da benévola e real atenção com que ouve aos seus beneméritos vassallos que humildemente suplicam, com a maior submissão e reverência, representam Cangí Givane, Sobachande Sanchande, Pramana Abechande e mais Banianes abaixo assinados, naturais da praça de Dio e ora existentes nesta capital de Moçambique como negociantes, que eles e seus ascendentes transportando a esta capital para aumentar o negócio da costa de África, e haver uma mútua correspondência com os das praças de Damão e de Dio, foram recebidos e contemplados em tudo, na consideração de que a sua habitação nesta fosse mais favorável aos interesses da Real Fazenda de Vossa Magestade pelo grande rendimento da Alfândega, e acolhidos pelos Ex. mos Generais e pelas pessoas de Governança desta capital com a maior afabilidade e estimação; franquearam que os representantes observassem a sua religião e, em consequência disto, ocorrendo-lhes vários inconvenientes para fabricação dos seus pagodes, seguiram unicamente ao principal objecto da dita religião, comprando os gados para sua adoração, e com efeito assim vieram prati-

cando sem vexame de pessoa alguma; porém, há dois anos, tendo sido perseguidos pelo Senado da Câmara ou pelos seus juizes almotacés a darem daqueles gados (que os representantes veneram e adoram) para o açougue, recorreram ao Ex. mo ex-General Marcos Caetano de Abreu e Menezes, que imediatamente os providenciou, eximindo de semelhante pensão, proibida pela sua dita religião; e ainda que vivem presentemente em tranquilidade e sossego, sem vexame algum, contudo receando pelo futuro imploram à inata piedade de Vossa Magestade para que, por efeito da sua real comiserção, se digne providenciar aos representantes com positiva determinação ao Ex. mo Governador e capitão-general deste Estado.»

Este documento está arquivado no Arquivo Histórico Ultramarino. É dos princípios do século XIX-1818 ou 1819 — e está subscrito pelos sinais de vinte e um banianes. Os banianes era, e são, uma classe de comerciantes da Índia — de religião hindu e, portanto, venerando a vaca como animal sagrado.

O documento que reproduzimos define perfeitamente o tipo da sociedade organizada e respeitadora dos direitos de cada qual, ainda que se tratasse de fiéis de uma religião estranha. Podemos dizer, de um modo geral, o tipo da sociedade tradicional portuguesa, com o Rei a proteger os povos dos perigos que pudessem vir das próprias câmaras e magistrados.

Vale a pena a gente, às vezes, ler estes papeis, estas provas documentais dos factos, e comparar tão obsoleto tipo de vida com o alto nível de civilização e de progresso que os etíopes e os colonos da União Indiana (e outros...) levam à Catanga para libertação e felicidade dos povos. A civilização dos abutres... — A.

A CEGUEIRA

Continuação da 1.ª página

100% em certas partes da África e da América. Esta mesma comissão apresentava os excelentes resultados obtidos em vários países contra a doença por diversos métodos, tendo como objectivo tanto a eliminação do parasita como da mosca que vive junto dos rios e que transmite este parasita ao homem. Assim, no Congo, a cidade de Leopoldville e arredores tinha sido submetida a pulverizações de DDT por via aérea, que destruíram a mosca. No distrito de Koderá, do Kénia, os rios onde a mosca põe os ovos foram tratados com insecticidas. A mosca foi inteiramente eliminada e, sete anos depois, não havia ainda reaparecido.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
A MODELAR

Telefone 62113

Amres



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança
AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

Desporto

em casa e fora de casa

O contacto internacional do desporto português, que abriu bem com Manuel de Oliveira em S. Paulo, na tradicional corrida de S. Silvestre (um segundo lugar — «e eu bem podia ter ganho, se não desse largas o Aneur», como declarou o atleta, ao regressar a Lisboa) teve no fim da semana mais três episódios que não chegaram à ribalta dos grandes êxitos.

— Em Madrid a contar para a Taça dos Campeões Europeus, os basquetebolistas do Real começaram a ajustar com os portugueses do Benfica as contas que andam por saldar desde que os lisboetas arrancaram aos madrilenos a vitória da Taça dos Campeões Europeus de Futebol.

O conjunto lusitano foi bem batido por uma equipa que é mais «alta», tem maior craveira internacional e está a aplicar primorosamente um sistema de defesa, que obriga os adversários a lançar de longe — e, logicamente, a perder encostamentos. O resultado de 110-47 dispensa comentários. Anotou-se entre os portugueses, a facilidade de encostar, de longe demonstrada por Joaquim Carlos, que assim marcou dezoito pontos (quase metade dos que alcançou a sua turma).

— Em Casablanca, a selecção de Portugal concorreu à Taça Ocidente — triangular de apuramento na série B. Teve perante a França a derrota, que se previa, por 3-0. Notou-se bom ataque e fraca defesa, especialmente nas bolas por «baixo». Mas o seu jogo teve animação e em dois «sets» chegou a comandar com largura a pontuação.

Esta animação contrastou com o que se lhe vira no primeiro dia, em que derrotou uma selecção do Marrocos «reforçada» com alguns estrangeiros e perdeu por 3-1. Mas no segundo dia do torneio a turma portuguesa derrotou o verdadeira selecção marroquina, só com jogadores nascidos no país, e pôde então triunfar bem, sem problemas, por 3-0.

Simplesmente este jogo era amigável...

— Em Salamanca, na tradicional «Volta à cidade» (que se corria pela oitava vez) dois sportinguistas alanharam. Manuel Marques foi o terceiro classificado, depois de ter «aguentado» durante todo o percurso os sucessivos «estírcos» de dois companheiros de equipa, Barris e Arizmendi, que viriam a colocar-se nos dois primeiros lugares. O outro sportinguista, Armando Aldegatega, não conseguiu resistir ao andamento dos últimos 400 metros (a prova teve, ao todo, 6.400) e terminou em sexto, entre 24 concorrentes. Na «trente interna», tomaram lugar de primeiro plano os encontros do Campeonato

Nacional de Futebol. Os pontos altos foram a vitória do Benfica em Guimarães e a derrota da Académica no Barreiro.

No primeiro caso, havia todo o peso de uma longa tradição: foi a primeira vez que o Benfica conseguiu sair vitorioso do Campo da Amorosa, onde o Vitória de Guimarães sempre tem conseguido evitar a derrota. O próprio resultado (4-3 reflecte as dificuldades de que o jogo se revestiu para os lisboetas, que tiveram os seus dois melhores elementos em Eusébio e Simões — o primeiro como realizador, o segundo como problema insolúvel para a defesa dos minhos. E a persistência dos benfiquistas acabou recompensada.

Quanto à derrota da Académica perante o Barreirense, deveu-se ao maior «fundo» atlético da segunda equipa, que soube aproveitar bem o facto de jogar no seu campo e de contar com o seu público para submeter os estudantes a um verdadeiro galope final, acabando por ganhar mercê de um golo solitário.

Os rapazes de Coimbra tiveram uma boa primeira parte, tentando atacar contra uma equipa que só defendia e tentava contra-ataques, para, no segundo tempo, virem a acusar o esforço a que os obrigava aquele adversário, que jogava no sistema de todos contra um e que não permitia assentar-se em qualquer tipo de jogo, porque não dispunha de um sistema próprio e atacava aos repelões. E a derrota chegou, assim, naturalmente.

Como o Porto venceu o Atlético em Lisboa (3-2) e o Sporting, também em Lisboa, bateu folgadoamente o Olhanense (5-1) num jogo em que ao brulho fulgurante da primeira parte os sportinguistas adicionaram, no segundo tempo, uma exibição mediocre, o Benfica continua perseguido de perto pelo Sporting e pelo Porto, ambos apenas a um ponto de diferença.

E a Académica manteve o quarto lugar, agora compartilhado com o Leixões, que no domingo bateu o Vitória de Setúbal por 2-1.

UM NOME POR SEMANA

Eusébio da Silva Ferreira, idade, 20 anos, peso 75 quilos, altura 1,75 natural de Lourenço Marques-Moçambique, Data do nascimento 25 de Janeiro de 1942, Inter nacionalizações 7 — Lugares em que actuou, interior esportivo. Clubes que representou — Sport de Lourenço Marques e presentemente no Benfica.

Campeonato de Futebol da Primeira Divisão

O Benfica venceu o Sporting e mantém-se à frente do Nacional da primeira divisão

No estádio da Luz, Benfica e Sporting defrontaram-se num desafio de futebol, como sempre pleno de emoção, saindo o Benfica vencedor por 4-3. Na primeira parte, o grupo da casa marcou três tentos sem resposta, e na segunda o Sporting marcou primeiro 3-1 para logo a seguir serem os encarnados a repor a diferença 4-1. Até final do encontro, os visitantes marcaram mais dois golos, ficando o resultado final em 4-3. Dois tempos distintos. Brilhantismo do Benfica no primeiro. Recuperação desportiva do Sporting no segundo.

Nas Antas, o Porto «goleou» o Belenenses por 5-1, resultado inesperado, dada a categoria dos contendores. Nos jogos realizados nos outros campos, a contar para o Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão, registaram-se os seguintes resultados:

Atlético-Leixões 4-2; Vitória de Setúbal-Feirense, 5-1; Cuf-Guimarães, 1-1; Olhanense-Barreirense, 4-0; e Académica Lusitano, 1-3;

A classificação geral ficou assim ordenada:

| | Pontos |
|--------------|--------|
| Benfica, | 19 |
| Porto, | 18 |
| Sporting, | 16 |
| Lusitano, | 13 |
| Académica, | 13 |
| Leixões, | 13 |
| Belenenses, | 11 |
| Setúbal, | 10 |
| Guimarães, | 10 |
| Atlético, | 8 |
| Olhanense, | 8 |
| Barreirense, | 7 |
| CUF, | 6 |
| Feirense, | 2 |

Na segunda divisão, os resultados foram os seguintes.

Zona Norte: Oliverense-Espinho, 5-0; Boavista-Beira Mar, 1-3; Marinhense-Varzim, 1-1; Leça-Sanjoanense, 4-2; Covilha-Vianense, 3-1; Académico de Viseu-Salgueiros, 4-1; e Braga-Castelo Branco, 3-1.

A classificação geral ficou assim ordenada:

| Zona Norte: | Pontos |
|---------------------|--------|
| Beira Mar, | 18 |
| Varzim, | 17 |
| Oliveirense, | 16 |
| Covilha, | 15 |
| Braga, | 15 |
| Leça, | 11 |
| Marinhense, | 10 |
| Espinho, | 10 |
| Vianense, | 9 |
| Castelo Branco, | 8 |
| Académica de Viseu, | 8 |
| Boavista, | 7 |
| Sanjoanense, | 6 |
| Salgueiros, | 2 |

Zona Sul: Alhanda-Farense, 1-1; Sacavenense-Luso, 3-2; Torriense-Oriental, 0-0; Montijo-Cova da Piedade, 2-0; Portimonense-Portalegrense, 4-1; Lusitano de Vila Real-Silves, 3-0; e Seixal-Peniche, 4-0.

Classificação geral:

| Zona Sul: | Pontos |
|------------------------|--------|
| Seixal, | 15 |
| Alhandra, | 15 |
| Torreense, | 14 |
| Portimonense, | 14 |
| Luso, | 13 |
| Farense, | 11 |
| Oriental, | 11 |
| Cova da Piedade, | 11 |
| Sacavenense, | 11 |
| Montijo, | 11 |
| Lusitano de Vila Real, | 10 |
| Peniche, | 8 |
| Portalegrense, | 8 |
| Silves, | 2 |

O Sporting, campeão de Lisboa de andebol de onze

O Sporting é campeão de Lisboa de andebol de onze. Terminou o campeonato sem derrotas, com um total de 36 pontos. Em segundo lugar ficou o Benfica com 28 pontos.

Figuras

do domingo Desportivo

O Benfica venceu bem o seu rival de sempre. Mas as circunstâncias em que o triunfo acabou por se processar desagradou mais aos encarnados do que aos Leões.

Em Coimbra, deu-se o imprevisto — a vitória do Lusitano de Évora. Coincidência: primeira derrota dos estudantes no seu terreno e primeiro êxito dos alentejanos fora de casa.

A equipa alcantarense, com a vitória alcançada contra o Leixões, parece ter querido dizer: «Acreditem em mim».

No Porto, deu-se o inevitável — o desaire do Belenenses. O facto não implica admiração de tomo. O mesmo, porém, não se pode dizer da exibição dos homens do Restelo. Para quando a apresentação do seu real poder?

O C. U. F. festejou o seu 26.º aniversário da sua fundação, com um empate contra o Vitória de Guimarães.

«Taça de Honra» em futebol na Madeira

A contar para a «Taça de Honra» da cidade do Funchal, o Nacional perdeu frente ao Sporting por 1-4 e o Marítimo venceu o União por 2-0.

Um nadador madeirense representará Portugal na Maratona do Mar da Prata

O nadador de fundo madeirense José da Silva «Saca», vai representar Portugal na maratona do Mar da Prata, tendo iniciado já os treinos.

Nos Açores prossegue o torneio de apuramento para a «Taça de Portugal»

Em jogos da fase final do torneio de classificação para a «Taça de Portugal» o Lusitania empatou por 2-2 com o Angrense e o União venceu por 2-1 o Praiense.

O União comanda a classificação com 2 pontos, seguido do Lusitania e do Angrense com 1, e do Praiense com zero pontos.

Se considerarmos o que ambos os «onzes» têm efectuado, nesta prova, o «nulo» constitui bom resultado para os barreirenses.

O Olhanense obteve o resultado mais bonito da jornada. Vencer o Barreirense pela margem de quatro tentos, quando na classificação geral há paridade, não é feito que possa passar em claro.

O Vitória de Setúbal não fez mais do que estava previsto — derrotar o Feirense, que não parece disposto a ir mais além. O «Nacional» maior é experiência demasiadamente cara para ser praticada por qualquer um.

O empate do Alhandra permitiu ao Seixal alcançá-lo. Na «cola» de ambos seguem o Torriense e o Portimonense.

O Beira Mar é o guia isolado da zona Norte, devido ao «nulo» do Varzim na Marinha Grande.

Visado pela C. de Censura